

# As representações de estudantes de licenciatura sobre a profissão docente

Márcia Hobold<sup>1</sup>  
Marli André<sup>2</sup>

**Resumo:** A formação inicial é uma fase muito importante no processo de constituição da profissionalidade docente, porque é nesse momento que as imagens e as representações sobre a profissão podem ser explicitadas e analisadas com apoio em conhecimentos específicos, habilidades, atitudes e valores que integram o currículo dos cursos de preparação para a docência. Este texto objetiva conhecer as representações de estudantes dos cursos de licenciatura de uma instituição privada. Empregou-se como principal instrumento de coleta de dados o questionário, que foi dividido em duas partes. A primeira continha dados de caracterização do estudante, e a segunda buscava conhecer os motivos da escolha da futura profissão e as expectativas com relação a ela. Os sujeitos da pesquisa foram 100 estudantes matriculados no 1.º ano de licenciatura dos seguintes cursos: Matemática, Letras, História, Ciências Biológicas e Educação Física. A caracterização dos estudantes evidenciou um grupo muito jovem, em que

80% se encontram na faixa etária entre 17 e 23 anos e dependem financeiramente dos pais. A maioria é constituída por mulheres solteiras, cujos pais cursaram até o ensino médio, e está entre as camadas médias da população. Os dados relativos às concepções sobre a profissão mostram que esses universitários, em grande parte, se sentem motivados a buscar uma formação que os prepare para tornar a maioria dos alunos capaz de aprender. Os depoimentos revelam o apoio dos pais na escolha profissional. Os amigos, no entanto, criticam a opção profissional desses estudantes, pela baixa remuneração, pelo desprestígio social e pelas eventuais dificuldades com os alunos que frequentam a escola hoje. Na questão em que os universitários podiam se expressar mais livremente, surgiram posições heterogêneas entre uma visão idealizada e romântica da profissão e uma consciência das dificuldades a serem enfrentadas.

**Palavras-chave:** Profissão docente; licenciatura; representações.

<sup>1</sup> Docente da Universidade da Região de Joinville (Univille).

<sup>2</sup> Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

**Abstract:** Pre-service teacher education is very important in the process of teachers professionalism because it is in this phase that images and representations about profession may be explicitated and analyzed with the support of special knowledges, abilities, attitudes and values which are part of the teaching education program. This paper aims to know how students from a private university figure their future teaching work. A questionnaire was applied to a group of 100 1<sup>st</sup> year students of Math, Languages, History, Biology and Physical Education. The results show a very young group – 80% of the students are between 17 and 23 years old, most of them women, single, living with their parents and

financially depending on them. The majority of the group assert that they feel motivated to find new teaching methods so that most of their pupils will be able to learn. When talking about their professional choice, the students report that they received family support, but their friends were very critical of their choice, based on the following reasons: teaching is a badly paid profession, has low social prestige and teaching children and young nowadays is not an easy task. Data from the open question revealed both romantic and idealized views as well as realistic and objective perspectives concerning the future teaching profession.

**Keywords:** Teaching profession; teaching course; representations.

## INTRODUÇÃO

Realizar pesquisas que permitam conhecer como os futuros professores percebem, entendem e explicam a profissão docente é uma tarefa relevante, pois com base nesses dados é possível planejar os cursos e processos formativos que ao mesmo tempo considerem a perspectiva dos futuros professores e sejam direcionados ao atendimento da maioria da população que frequenta a escola, visando a uma educação de qualidade para todos.

Embora se reconheça a importância da temática, estudos que se disponham a investigar as percepções, os modos de entendimento ou as representações dos estudantes de licenciatura sobre a profissão docente são ainda bastante escassos no cenário educacional brasileiro.

Os cursos de licenciatura têm um papel fundamental na socialização profissional e na construção da identidade dos professores. É o momento em que os modelos de práticas docentes preexistentes são aprimorados, remodelados, apreendidos e/ou refutados, seja por meio dos conhecimentos que são veiculados nos cursos de formação, seja pelas experiências, interações, vivências variadas às quais, nessas situações, os estudantes são expostos. A formação inicial tem, assim, um peso considerável na construção da profissionalidade docente, ou seja, no desenvolvimento de saberes, habilidades, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor.

A profissionalidade é construída por meio das situações exteriores da profissão que são, de alguma maneira, interiorizadas pelos docentes e representadas na sua ação profissional. Há, nesse caso, uma internalização da exteriorização de conceitos e concepções advindos do campo

profissional da docência. As internalizações não são neutras ou simplesmente absorvidas, elas são ressignificadas pelos indivíduos e constituem a *essência profissional* (SACRISTÁN, 1995).

## PROFISSIONALIZAÇÃO E PROFISSIONALIDADE DOCENTE

O objetivo deste texto é identificar elementos das representações de estudantes de licenciaturas, futuros professores, sobre os conhecimentos específicos da profissão docente ou sobre a profissionalidade. Para Sacristán (1995, p. 65), a profissionalidade docente é

a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. A discussão sobre a profissionalidade do professor é parte integrante do debate sobre os fins e as práticas do sistema escolar, remetendo para o tipo de desempenho e de conhecimentos específicos da profissão professor.

As discussões sobre profissionalidade docente surgiram muito recentemente, no âmbito das reformas educacionais e na tentativa de valorização da prática docente. Popkewitz (1986 *apud* SACRISTÁN, 1995) declara existirem três aspectos que contribuem para a prática pedagógica do professor, isto é, fatores que constituem o fazer docente. O autor considera o contexto propriamente pedagógico, o contexto profissional dos professores e o contexto sociocultural. O primeiro está representado pela efetiva prática da docência; são as experiências adquiridas no fazer pedagógico, diário ou de rotina. O segundo refere-se ao âmbito da classe docente, ou seja, o fazer individual que se torna coletivo e é pinçado para o campo individual. Em outras palavras, a classe de professores legitima determinadas ações que constituem a especificidade de ser professor. O terceiro aspecto é representado pela conjuntura sociocultural, ou seja, os conteúdos e os valores eleitos pela própria cultura e legitimados pela sociedade como o acervo fundamental para a formação dos estudantes. Esses conteúdos e valores referenciam a prática docente e são validados pelos professores. Certamente, nas suas interações sociais e na realização de seu trabalho, o professor ressignifica esses fatores, porém são eles que alicerçam a prática pedagógica.

Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004) associam o conceito de profissionalidade docente com o de profissionalização. Para esses autores, a profissionalidade é um processo interno, que consiste na aquisição de conhecimentos específicos mobilizados nas atividades docentes. Já a profissionalização é um processo externo que se refere ao *profissionismo* ou *profissionalismo* e envolve a reivindicação de *status* dentro da divisão social do trabalho, que requer negociações por grupo de atores no intuito de reconhecimento perante a sociedade das qualidades específicas, complexas e difíceis de serem aprendidas.

Para Contreras (2002), a profissionalidade relaciona-se às qualidades da prática profissional dos professores em função das exigências do trabalho educativo. Nessa perspectiva, falar de profissionalidade significa “não só descrever o desempenho do trabalho de ensinar, mas

também expressar valores e pretensões que se deseja alcançar e desenvolver nesta profissão” (CONTRERAS, 2002, p. 74).

Entende-se, dessa forma, o conceito de profissionalidade docente como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que compõem a competência do professor. Tais aspectos constituem a subjetividade profissional, que são as experiências apreendidas e acionadas no cotidiano escolar. É um “saber fazer” construído individualmente, por meio de referenciais externos, porém que se tornam próprios e únicos. São instrumentos produzidos pelo próprio professor para deles se utilizar na profissão, tornando-se um saber pessoal. Esse saber não alude somente à prática, mas também à maneira de postar-se diante da profissão e entendê-la na interação e contribuição social, ética e política.

Muitos fatores concorrem para a constituição da profissionalidade docente, tais como os pessoais e profissionais, os cognitivos e afetivos, os individuais e coletivos. Esses múltiplos aspectos afetam e formam as experiências escolares, familiares, profissionais que compõem o repertório do “saber fazer” de um professor, no qual estão incluídos conhecimentos, valores, habilidades, modos de percepção e de compreensão da realidade que o cerca.

Tomar esse repertório como objeto de estudo torna-se fundamental tanto para o próprio docente, que pode decidir se quer ou não modificá-lo na direção desejada, quanto para os formadores de professores, que têm a possibilidade de extrair daí elementos para aperfeiçoar suas práticas formativas. A teoria das representações sociais parece ser um instrumental teórico e metodológico muito adequado para esse tipo de investigação, pois permite uma aproximação ao mundo vivido dos sujeitos, ao seu modo particular de entendimento da realidade.

As representações sociais funcionam como um sistema de interpretação da realidade que orienta as relações do sujeito com o meio físico e social e determina seus comportamentos e práticas.

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais não apenas guiam as ações, mas também remodelam e reconstituem os elementos do meio ambiente em que ocorrem tais ações, integrando-as em uma rede de relações que se vinculam aos objetos, fornecendo as noções teóricas e os fundamentos que tornam essas relações estáveis e eficazes.

No caso desta pesquisa, procurou-se investigar como os futuros professores compreendem sua profissão e quais expectativas desenvolvem em relação ao magistério, ou seja, que elementos estão presentes em suas representações da profissão docente.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário, aplicado no ano de 2006 a 100 estudantes de licenciatura de uma universidade comunitária do país. Na época, eles estavam concluindo o 1.º ano. A aplicação do questionário ocorreu em sala de aula, após a apresentação dos objetivos da pesquisa e a assinatura de Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE.

O instrumento utilizado foi o mesmo que vem servindo de base para cerca de 30 grupos de pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras, vinculados ao Centro Internacional

de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade (Ciers-Educação). Os estudantes tiveram tempo suficiente para concluir, individualmente, as respostas.

Os questionários eram compostos por três partes. A primeira tratava de associação livre; os acadêmicos escreviam quatro palavras que lhe vinham à mente quando eram mencionados, nesta ordem, os seguintes termos: *dar aula*, *aluno* e *professor*. A segunda parte, constituída de 20 questões, tinha o formato de “carta”, que era preenchida pelo estudante para ser enviada a um amigo ou a uma amiga. A terceira parte visava caracterizar os dados pessoais e socioeconômicos do aluno.

Para o presente texto foram consideradas as questões do perfil do estudante (terceira parte) e as seis últimas questões da “carta” a um amigo (segunda parte). Cada questão oferecia quatro opções de escolha, seguidas de um espaço para justificativa da resposta. A última questão era aberta, possibilitando livre manifestação.

## CARACTERIZAÇÃO DOS LICENCIANDOS

Os dados extraídos do perfil do estudante permitiram fazer uma caracterização do grupo. Dentre os 100 licenciandos, 7 não preencheram os dados. Dos 93 que participaram dessa etapa, 16 eram de Matemática, 25 de Letras, 20 de História, 14 de Ciências Biológicas e 18 de Educação Física. Todos cursavam o 1.º ano de licenciatura, a grande maioria (88) no período noturno. Os demais (5) estavam matriculados no período da manhã e eram alunos do curso de licenciatura em Educação Física.

Quanto ao gênero, os estudantes estavam distribuídos da seguinte forma:

Curso	Masculino	Feminino
Matemática	3	13
Letras	3	22
História	7	13
Ciências Biológicas	4	10
Educação Física	9	9
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>67</b>

**Quadro 1** – Distribuição dos pesquisados quanto ao gênero

Do total de respondentes, 28% eram do sexo masculino e 72%, do feminino. Tal índice comprova que nos cursos de formação de professores a grande maioria é composta por estudantes do sexo feminino.

Quanto à *faixa de idade*, o questionário tinha quatro opções: a) entre 17 e 19 anos, assinalado por 41 estudantes (44%); b) entre 20 e 23 anos, com 32 estudantes (35%); c) entre 24 e 30 anos, com 16 estudantes (17%); d) entre 31 e 41 anos ou mais, com 3

estudantes (3%). Um universitário não assinalou nenhuma das quatro alternativas. Nesse caso, há um percentual considerável de estudantes (79%) que se encontram na faixa de 17 a 23 anos, ou seja, os alunos de licenciatura são muito jovens.

Quanto à *cor de pele*, as marcações indicaram 81 brancos, 7 pardos, 2 negros, 1 amarelo e nenhum indígena; um assinalou “pardo” e “indígena” e 8 não responderam à questão.

O *estado civil* dos licenciandos ficou assim distribuído: 76 solteiros, 13 casados e/ou com união estável, 1 separado (desquitado, divorciado), 1 identificou-se como “amasiado”, 8 não responderam e 1 assinalou duas opções – “solteiro” e “casado e/ou em união estável”. Esses resultados são compatíveis com a juventude do grupo: ainda não atingiram a faixa de casamento ou de união estável.

Quanto à *escolaridade da mãe* dos licenciandos, 19 estudaram até a 4.<sup>a</sup> série, 21 até a 8.<sup>a</sup> série, 15 fizeram o ensino médio completo, 5 o ensino médio incompleto, 18 o curso superior completo, 7 o superior incompleto, 7 assinalaram a opção “outra” e especificaram curso técnico e/ou pós-graduação (especialização ou mestrado) e 5 não responderam à questão.

Já as respostas para a *escolaridade do pai* ficaram assim distribuídas: 16 cursaram a 4.<sup>a</sup> série, 17 a 8.<sup>a</sup> série, 24 o ensino médio completo, 6 o ensino médio incompleto, 15 o superior completo, 8 o superior incompleto, 4 estudantes assinalaram a opção “outra”, especificando 2 pais com especialização e 2 pais com curso técnico, 2 assinalaram a opção “não sei” e 8 não responderam à questão.

Os dados de escolaridade mostram que há muito pouca diferença entre mães e pais, já que na maioria ambos completaram ou estão completando o ensino médio, e indicam que os filhos, de modo geral, terão oportunidade de atingir um nível mais elevado de escolaridade do que os pais.

Para a questão “*Sua família contribui financeiramente para sua manutenção?*”, 24 responderam que “não”, 68 indicaram que “sim” e 8 não responderam. Isso retrata que muitos dos estudantes jovens e solteiros são de alguma forma dependentes financeiramente dos pais.

As repostas dos licenciandos para a questão “*Qual a renda mensal de sua família? Para este cálculo considere a soma dos ganhos de todos os membros de sua família que trabalham e contribuem para a renda familiar (inclusive o seu)*” ficaram assim distribuídas: 21 marcaram “até 3 salários mínimos”, 48 “de 3 a 10 salários mínimos”, 14 “de 11 a 20 salários mínimos”, 2 “de 21 a 30 salários mínimos”, 1 “mais de 30 salários mínimos”, 6 assinalaram a alternativa “não sei” e 8 não responderam. Grande parte dos estudantes (74%) é originária de famílias que se situam nas camadas médias da população, percebendo até 10 salários mínimos.

Para a pergunta “*Em sua casa, você tem computador conectado à internet?*”, 75% dos alunos responderam afirmativamente, 22% disseram que não e 9 deixaram a questão em branco. Esse índice parece muito bom, em especial se comparado à população brasileira e se for considerado o nível socioeconômico da maioria dos estudantes.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conhecer as representações dos licenciandos sobre a profissão de professor, no princípio do curso de formação inicial, é fundamental para os professores formadores, porque eles podem

tomá-las como foco de análise e, com base nessas informações, planejar ações para efetuar mudanças na direção desejada. Para os pesquisadores esse é um tema de crucial importância, pois leva a conhecer o ponto de vista dos sujeitos e sua maneira de conceber a profissão, o que pode dar pistas para a definição de caminhos mais efetivos para a reestruturação dos cursos e programas de formação docente.

Apresentamos a seguir os dados dos 100 estudantes que responderam à segunda parte da pesquisa, referentes às questões que focalizavam a motivação dos estudantes com relação ao ensinar, assim como às percepções de seu futuro como profissional.

Na análise da questão “Com relação a minha motivação para ser um professor, sinto-me: a) desafiado a buscar novos métodos de ensino; b) descrente do processo de ensino; c) num impasse entre o desafio da busca e o desânimo por não atingir meus objetivos”, verificamos que 80 estudantes marcaram a opção “a”, 5 a alternativa “b” e 15 a opção “c”.

Esses dados revelam uma disposição da grande maioria dos estudantes (80%) para buscar novas formas de ensinar. Evidenciam uma motivação positiva perante o ensino. Demonstram uma crença num ensino que se renova, provavelmente para atender mais efetivamente as crianças e os jovens que têm acesso à escola. Um percentual pequeno (15%) não tem muita convicção sobre sua escolha, e um número muito pequeno mostra descrença em sua futura profissão.

A grande maioria dos estudantes do 1.º ano de licenciatura parece valorizar aquilo que Roldão (2007) considera a atividade específica da profissão: o *ensinar*. Mas qual seria a concepção de ensino desses estudantes? A ação de ensinar, segundo a autora, remete-nos a uma série de entendimentos históricos e conceituais, um campo de tensões entre o “professar um saber” e o “fazer outros se apropriarem de um saber”. Na primeira concepção, ensinar é entendido como uma forma tradicional de transmitir informações acumuladas ao longo da história da humanidade e, na segunda, o ensinar é concebido como a capacidade de mobilizar o aprendiz para querer aprender, o que requer um vasto campo de saberes.

A função de *ensinar*, nas sociedades atuais, e retomando uma outra linha de interpretação do conceito, é antes caracterizada, na nossa perspectiva, pela figura da *dupla transitividade* e pelo lugar de *mediação*. *Ensinar* configura-se assim, nesta leitura, essencialmente como a especificidade de *fazer aprender alguma coisa* (a que chamamos *currículo*, seja de que natureza for aquilo que se quer ver aprendido) a *alguém* (o ato de ensinar só se atualiza nesta segunda transitividade corporizada no destinatário da ação, sob pena de ser inexistente ou gratuita a alegada ação de ensinar) (ROLDÃO, 2007, p. 95, grifos da autora).

Será necessário, pois, que no curso de licenciatura esses conceitos sejam debatidos, para que não se reforce a concepção tradicional de ensino como transmissão, que leva em conta apenas um dos lados do processo – o do professor. É importante que se destaque a dupla transitividade do ato de ensinar, como enfatiza Roldão (2007), que é fazer com que o aluno aprenda.

Os dados também indicam que 15% dos estudantes se sentem “num impasse entre o desafio da busca e o desânimo por não atingirem seus objetivos”. Isso significa que os

universitários não estão muito seguros sobre o que farão no futuro. Seria interessante investigar melhor as razões de tais respostas. Isso decorreria da visão negativa com que a escola é hoje retratada na mídia? Seriam os baixos salários que não atrairiam os jovens? Seria uma clara decorrência da desvalorização social do professor da educação básica? É possível que várias dessas razões expliquem as respostas desse grupo.

Ainda houve cinco licenciandos que responderam que se sentem “descrentes do processo de ensino”. Valeria uma investigação mais detalhada para descobrir se tal descrença já os acompanhava no ingresso do curso de licenciatura ou se surgiu durante o 1.º ano.

De modo geral, as respostas dos estudantes, futuros professores, denotam uma motivação positiva, um certo entusiasmo pela profissão docente. Seria interessante averiguar melhor em que se baseia essa motivação e se ela persistirá ao longo do curso.

Quanto à questão “Se eu fosse dar um conselho para você que quer ingressar no magistério eu diria”, 61% dos estudantes assinalaram a resposta “Seus alunos aprenderão se você estiver preparado”, 38% escolheram “Não deixe escapar o sonho de ensinar seus alunos” e um estudante marcou as duas alternativas. A opção “Não espero muito dos alunos” não foi assinalada pelos respondentes.

É muito interessante verificar que a maioria optou por uma resposta bastante objetiva, que valoriza o preparo profissional do professor e sinaliza a crença na capacidade de aprendizagem do aluno. Chama a atenção, no entanto, o número de respondentes que escolheu a opção romântica que enuncia o “sonho de ensinar”. Será que o curso vai ajudar a mudar essa visão?

Na próxima questão, os estudantes deveriam dizer sim ou não para o seguinte enunciado: “Minha família acha que fiz uma boa escolha profissional”. Dos 100 estudantes, 83% responderam afirmativamente e 16% disseram que não.

As justificativas dos estudantes cujas famílias não acham a docência uma boa escolha profissional incidiram sobre a baixa remuneração e a desvalorização do magistério como profissão. Um deles mencionou até que iria trancar a licenciatura no fim do ano e começar outro curso.

Quanto aos 83% que disseram ter o apoio da família em sua escolha profissional, as justificativas foram as mais variadas, mas houve certa concentração nas respostas de que seus familiares tinham alguma atividade ligada à educação, como pode ser ilustrado pela resposta de um estudante: “Meu pai é professor, e minha mãe está na faculdade de Pedagogia também; eles deixaram em aberto a opção para meu futuro, e é isso que eu quero”.

Houve também respostas que deixaram evidente a valorização, por parte dos pais, do papel do professor, como por exemplo: “Eles veem o professor como o pilar da sociedade”. Esse tipo de visão pode ter um efeito muito positivo ao reforçar a importância do professor, mas corre-se o risco de situar apenas no docente a responsabilidade pela qualidade do ensino. Sabe-se que há muitos fatores envolvidos no sucesso ou no fracasso escolar, advindos das políticas públicas, da gestão da escola, das condições institucionais. Caberá aos cursos de formação trazer à tona essa reflexão para não reforçar uma visão simplista e unilateral que muitas vezes está presente nas representações dos estudantes.

Também foram dadas justificativas que denotam uma visão quase ideológica da profissão, tal como: “Estarei envolvida no aprendizado dos alunos, serei o passado/presente e o futuro deles, farei parte do que eles irão se tornar”. Também houve justificativas românticas, fundamentadas na afetividade, como “Ser professor é uma profissão maravilhosa, mas exige muito amor”.

Por fim, houve justificativas que mostraram a licenciatura como um momento transitório para uma definição profissional mais a longo prazo, como é ilustrado pela resposta de uma estudante: “Depois de formada pretendo fazer um mestrado em Engenharia Industrial, para trabalhar em empresas”.

Quanto à questão “*Meus amigos falam que ser professor vale/não vale a pena*”, 79% das respostas indicaram que “não vale a pena”, 19% assinalaram “vale a pena”, um não respondeu e outro marcou as duas respostas. As justificativas de que ser professor “não vale a pena” concentraram-se na baixa remuneração e no incômodo na profissão. Os estudantes, na grande maioria, afirmaram que os amigos alertam para a desvalorização do professor. Algumas respostas ilustram a opinião dos amigos: “Não ganha bem e é maltratado pelos alunos e pelas escolas”; “Os alunos são rebeldes, e pagam muito mal para os professores”; “Porque é uma profissão muito mal remunerada e sem estrutura (principalmente a rede pública), isso torna a profissão cansativa”; “Essa profissão não é reconhecida pela sociedade, não tem valor nem para a população, nem para o governo”.

Os amigos que apoiam a escolha profissional dos acadêmicos dizem acreditar na realização profissional, assim como na “nobreza” da profissão: “Só através dela você se realiza como pessoa, e é como o vinho, quanto mais velho melhor”; “Acreditam que o professor é nobre e diferencia-nos [sic] dos demais”; “Na verdade porque eles acham que vida de professor é fácil, principalmente para os concursados”.

Constata-se que as opiniões dos pais e dos amigos divergem com relação à escolha profissional dos licenciandos. Apesar de as justificativas serem praticamente as mesmas quanto à desvalorização do profissional da educação nos quesitos de baixo salário e de desvalorização social do professor, os familiares (83%) apoiam a decisão dos estudantes, enquanto seus amigos os desencorajam.

Na questão em que os estudantes deviam escolher qual a profissão que mais se aproximava da de professor, as respostas ficaram assim distribuídas: médico (14); padre/pastor (5); advogado (3); pedreiro (11); engenheiro (1); psicólogo (47); 12 estudantes escolheram outra profissão, entre as quais dona de casa, vinicultor, trabalhador autônomo, artista, político, veterinário e sociólogo; e 7 não responderam. Assim, para a maioria, a profissão de professor está mais próxima à do médico ou à do psicólogo. Como afirmam Tardif e Lessard (2005, p. 35), há diferenças entre a profissão docente e a do médico ou do psicólogo:

Os professores trabalham com grupos de alunos, com uma coletividade pública, ao passo que os médicos e terapeutas trabalham na maior parte do tempo em ambientes restritos, protegidos, com um só cliente de cada vez. O fato de trabalharem com coletividades apresenta dois problemas particularmente: a questão da equidade do tratamento e o controle do grupo.

Como 61% dos estudantes relacionaram a profissão de professor com a de médico e de psicólogo, será necessário um trabalho no curso de licenciatura para que eles percebam as diferenças e se tornem conscientes do caráter interativo da profissão e de sua dimensão pública e coletiva.

Na última questão de análise, em que os estudantes deixavam uma mensagem para seu amigo ou sua amiga – “Gostaria ainda de dizer que...” –, obtiveram-se algumas respostas que revelam uma visão idealista da profissão e uma representação de que a força de vontade e a tenacidade individual serão capazes de vencer possíveis dificuldades, como pode ser ilustrado pelos exemplos a seguir: “Mesmo sabendo de todos os obstáculos que irei encontrar, tenho a certeza que darei o melhor de mim para ajudar na formação de nossas crianças e adolescentes”; “Ainda que encontremos muitas dificuldades no magistério, sem o professor nenhuma outra profissão existiria. Para tudo isso é necessário aprender, e ensinar é o papel de poucos heróis”.

Há também depoimentos em que está expressa uma visão inatista de profissão: “Ser professor é um dom”.

Em outros depoimentos aparece uma visão que mistura profissionalismo e vocação: “Apenas deve fazer o curso de licenciatura aquele que está realmente ligado e interessado pela educação, e que tem vontade de ajudar os futuros alunos a aprender como alunos cidadãos [sic]”; “O professor é um guia, um exemplo do que fazer, do que saber. A profissão de educador acaba por fazer o papel de muitos pais, necessitando de além de conhecimento muito carinho para com os alunos, mas também muita firmeza, como toda mãe (pai) que quer o bem de seu filho [sic]”.

Essas representações dos licenciandos a respeito do professor e da profissão docente expressam aquilo que faz parte do imaginário social, que é marcado pela “gênese e desenvolvimento histórico da função docente” e pelos “discursos que circulam no mundo social e cultural acerca dos docentes e da escola”, como muito apropriadamente afirmam Garcia, Hypólito e Vieira (2005, p. 54).

## EM SÍNTESE

Os dados de caracterização dos alunos de licenciatura indicam que a grande maioria é muito jovem, pois 79% têm menos de 23 anos. Outro dado ainda mais surpreendente é que 44% estão na faixa etária entre 17 e 18 anos. São jovens que vivem com os pais e deles dependem financeiramente. Essa informação tem de ser seriamente considerada pelo curso de formação, já que se trata de um grupo que está praticamente no fim da adolescência. Coloca-se aqui um desafio sobre como planejar e desenvolver sua formação profissional.

A análise das respostas sobre como esses universitários concebem a profissão revelou certa heterogeneidade: ora uma visão romântica e idealizada do ensino e da educação, ora uma consciência dos conflitos, das futuras dificuldades e das condições objetivas para o exercício da profissão. Talvez isso se deva ao fato de estarem apenas iniciando um longo processo de construção da sua profissionalidade. O que desponta, nesse momento, são ideias originadas de sua experiência como aluno e dos discursos que circulam na mídia e em outros espaços da sociedade.

Em síntese, compreender quem são as pessoas que ingressam nas licenciaturas e conhecer suas expectativas sobre a profissão é muito útil para planejar e repensar as estratégias de formação. Pesquisas que ajudem a conhecer como esses estudantes veem e explicam a

profissão docente podem contribuir significativamente para dimensionar as práticas e as políticas institucionais de formação.

## REFERÊNCIAS

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

GARCIA, M. M. A.; HYPÓLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAMALHO, B.; NUÑEZ, I.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 94-103, 2007.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995. p. 63-92.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

Revista Univille	Joinville - SC	v. 14	n. 1	127 p.	2009
------------------	----------------	-------	------	--------	------



v. 14 - n. 1 - junho 2009

# Revista Univille

ISSN 1415-2789





---

## Expediente

---

**Reitor**

Paulo Ivo Koehntopp

**Vice-Reitora**

Sandra Aparecida Furlan

**Pró-Reitora de Ensino**

Ilanil Coelho

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação**

Therezinha M. Novais de Oliveira

**Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários**

Berenice Rocha Zabbot Garcia

**Pró-Reitor de Administração**

Raul Landmann

**Comitê Editorial**

Therezinha M. N. de Oliveira (Presidente), Mariluci Neis Carelli, Berenice Rocha Zabbot Garcia, Taiza Mara Rauen Moraes, Reny Hernandes, Viviane Rodrigues

**Produção editorial**

Editora Univille

**Coordenação geral**

Reny Hernandes

**Revisão**

Viviane Rodrigues

Reny Hernandes

Marília Garcia Boldorini

**Revisão de textos em inglês**

Agada Hilda Steffen

**Capa**

Rafael Sell da Silva

**Diagramação**

Andréa Rosa de O. Machado

Marisa Kanzler Aguayo

**Impressão**

Nova Letra Gráfica e Editora

**Tiragem**

500 exemplares